

Entre o Bem e o Mal-Estar: a intensificação do trabalho docente no âmbito dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia

Carmem Lúcia Lascano Pinto ¹
Rosângela Irigaray Garcia de Goes ²
Beatriz Helena Katrein ³
Cristhianny Bento Barreiro ⁴

RESUMO - O presente trabalho se insere dentro de uma das ações de um grupo de pesquisa voltado para o estudo da Formação Inicial e continuada de Professores, e relata parte de uma pesquisa visando o conhecimento sobre alguns indicadores de bem e de mal-estar docente no ambiente de trabalho. A pesquisa surgiu a partir da percepção de que alguns professores da Pós-graduação em um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia expressavam certo descontentamento com situações presentes em seu cotidiano. Esses aspectos tem sido foco de inúmeros estudos e o conhecimento sobre eles denuncia a intensificação do trabalho docente, a partir de políticas governamentais de ajuste econômico e da cultura da produtividade que se instala a partir de parâmetros de avaliação do trabalho docente, repercutindo na vida pessoal e profissional dos professores. Na investigação adotou-se uma abordagem qualitativa de pesquisa (BOGDAN e BIKLEN, 1994; MINAYO, 1994), e a partir de temas/problematizações optou-se por dinâmicas de grupo para o levantamento dos dados. Sua singularidade refere-se ao fato de trabalhar com professores da Pós-graduação, com condições de trabalho, teoricamente, privilegiadas e, no entanto, sofrendo com os tensionamentos que assolam a profissão docente na contemporaneidade.

Palavras-chave: Mal-estar Docente; Formação Continuada de Professores; Formação no Espaço de Trabalho; Pós-graduação.

Between Good and Bad-Felling: the intensification of teachers' work under the Federal Institutes of Education, Science and Technology

ABSTRACT - This work presents one of the actions of a research group dedicated to the study of the Initial and Continuing Formation of teachers, and reports part of a research aiming at the knowledge about certain indicators of goodness and malaise in the teaching environment work. The research arose from the perception that some of the teachers of Postgraduate Course expressed their discontent with present situations in daily lives. These aspects have been the focus of numerous studies that have been denouncing the intensification of teachers' work, from government policies of economic adjustment and from culture of productivity that is installed from the parameters of evaluation of teaching, reflecting on the life and of teachers. In this investigation we adopted a qualitative approach (BOGDAN & BIKLEN, 1994; MINAYO, 1994), and from themes/problems we had group dynamics to collect the information presented here. Its singularity refers to the fact that teachers that work with this degree have working conditions privileged; however, seem to be suffering from the tensions that plague the contemporary teaching profession.

Key words: *Bad-Felling in Teaching; Continuing Education of Teachers; Training in the workplace; Graduate.*

¹ Doutora em Educação – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.

² Especialista em Educação – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.

³ Mestranda em Educação – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.

⁴ Doutora em Educação – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.

A Profissão Docente em Debate

A docência desde sua emergência como profissão, apresenta tensionamentos das mais diversas ordens. Na atualidade, observa-se novas situações a afetarem o trabalho docente sendo objeto de muitos estudos (CODO, 2006; ESTEVE, 1999; MOSQUERA e STOBÄUS, 1996; STOBÄUS, MOSQUERA e SANTOS, 2007). O sentimento dos professores em relação a esse ambiente, em que passam grande parte de seu tempo, interfere na vida pessoal e profissional, sendo promotor de saúde ou de doença física e/ou mental.

Em alguns casos, tem-se observado que os fatores causadores de adoecimento referem-se não somente às difíceis condições de trabalho, sobrecarga de tarefas, excesso de horas-aula semanais, e de turmas, entre outros, como também a aspectos mais subjetivos, os quais necessitam de uma investigação mais aprofundada para serem identificados.

A Formação Continuada de professores (AMIGUINHO e CANÁRIO, 1994; BARROSO, 2003; CUNHA e FERNANDES, 1994; CUNHA, 1998, DEMAILLY, 1992; FORSTER, 2006, MARCELO GARCIA, 1999; NÓVOA, 1992, 1995; PINTO, 2008, 2009) pode ser um espaço para a reflexão sobre o contexto institucional favorecendo a percepção de fatores negativos e positivos, possibilitando reformular algumas posturas e ações e/ou aprender a lidar com o que se apresenta de forma mais saudável. Considerando a possibilidade de abertura da gestão e do setor pedagógico, pode-se ainda a partir desse tipo de estudo propor ações em atendimento das necessidades dos professores.

Entendendo a formação de maneira processual, com ênfase na Formação de professores, ligado a um Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, avaliando algumas necessidades existentes no entorno, propôs a presente pesquisa em que, paralelamente ao desenvolvimento da Formação Continuada de professores e do estudo sobre a mesma, buscou-se conhecer os sentimentos de alguns professores da pós-graduação em relação ao trabalho docente e ao ambiente de trabalho.

O levantamento de dados ocorreu em 2009, em decorrência da percepção de certo descontentamento no grupo pesquisado, apesar de trabalharem em uma instituição com boas condições de trabalho e perceberem um salário acima da média da profissão. A atividade realizada no coletivo, através de dinâmicas de grupo, teve por objetivo provocar a percepção dos professores sobre a profissão docente, sua vida pessoal/profissional e sobre a instituição em que atuam. O estudo proporcionou a ampliação do conhecimento sobre o tema e ofereceu uma grelha de leitura desse cotidiano e de suas especificidades. Nesse artigo, apresentamos uma breve discussão sobre o tensionamento bem/mal-estar docente na perspectiva de um grupo de professores de um Campus de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.

O Professor na Contemporaneidade: entre o bem e o mal-estar

As ações docentes decorrem da concepção de educação da pessoa/professor alicerçadas na forma como esse profissional lida com o mundo. O exercício da docência ocorre não apenas

através da mobilização do conhecimento específico e pedagógico, mas através de ações subjetivas alicerçadas na história de vida de cada professor. O bem e o mal-estar docentes localizam-se no interior dessa subjetividade, o que para alguns professores associa-se ao mal-estar, para outros é compreendido como o cotidiano da profissão. O bem-estar pressupõe algum tipo de recompensa no exercício da atividade profissional, no caso da profissão docente essa gratificação pode ocorrer pelo aspecto financeiro ou pelo alcance dos objetivos que atribui ao seu trabalho e varia de indivíduo para indivíduo.

O professor educa não só pela transmissão do conteúdo e/ou construção do conhecimento com os alunos, mas também pela formação de valores, construção e revisão de conceitos. Estando em contato com outros seres humanos, o professor traz suas frustrações, problemas, satisfações e potencialidades consigo para essa relação, ou seja, o todo que o faz humano.

Segundo Cunha (1998) e Nóvoa (1992), a vida pessoal interfere diretamente na condição do professor desempenhar a sua função. Professores motivados com sua prática profissional são capazes de transmitir a seus alunos sentimentos de bem-estar e satisfação pessoais. A satisfação com a vida pessoal/profissional repercute positivamente não só no desempenho como na felicidade das pessoas, razão suficiente para que no processo de Formação Continuada aposte-se no investimento em atividades que ampliem as possibilidades de os docentes lidarem com os tensionamentos da profissão.

Esteve (1999), em estudo realizado com professores na Espanha, menciona alguns indicadores do mal-estar docente, dentre os quais citamos os principais: modificação do papel do professor e de sua função, modificação do apoio da sociedade à profissão docente, alteração nos objetivos do sistema de ensino, aumento da violência nas instituições escolares, acúmulo de tarefas, aumento das exigências educacionais, inadequação dos recursos materiais e das condições de trabalho para dar conta dessas alterações e, sobrecarga de trabalho.

Tais aspectos têm levado ao esgotamento dos professores por meio de algumas manifestações citadas por Esteve (1999) e Stobäus, Mosquera e Santos (2007), entre outros, como as principais causadoras de prejuízo à saúde física, mental e emocional, tais como: estresse, depressão, ansiedade elevada, *Burnout* e até mesmo doenças do aparelho gastrointestinal, do trato respiratório e do aparelho urinário. Esses estudos procuram dar visibilidade a esse fenômeno que interfere na vida profissional e pessoal dos professores e na qualidade da educação, evidenciando a imprescindibilidade de ser enfrentado.

Além de estudos com foco no movimento entre o mal e o bem-estar docente (ESTEVE, 1999; MOSQUERA E STOBÄUS, 1996; STOBÄUS, MOSQUERA E SANTOS, 2007) a intensificação do trabalho vem sendo tema de inúmeras pesquisas dentre as quais destacamos Bianchetti e Machado (2009), Contreras (2002), Correia e Matos (2001) e Fidalgo e Fidalgo (2009).

Bianchetti e Machado (2009), Contreras (2002) e Correia e Matos (2001), chamam a

atenção para as estratégias de controle do trabalho docente, desde a escola básica até a Pós-graduação, consideradas um forte fator de pressão sobre os educadores no exercício da profissão. Dentre essas, a avaliação dos sistemas de ensino é apontada por Correia e Matos (2001) como um dos dispositivos centrais, sobretudo no seu processo macro, onde os riscos da exposição pública dos professores tornam-se mais evidentes. O exercício do controle sobre as tarefas do professor é mais eficaz na medida em que este assume como inevitável sua dependência com respeito a decisões externas.

Bianchetti e Machado (2009) estudaram especificamente o âmbito da Pós-graduação, propondo-se a focalizar no impacto das políticas produtivistas, no cotidiano desses professores e as conseqüências na produção intelectual, na vida privada e na saúde dos pesquisadores. O estudo mostrou o quanto essas estratégias vêm empobrecendo a produção intelectual dos professores-pesquisadores, restringindo a inovação ao levar a uma demanda de trabalho absurda gerando o que os autores denominam de (des)humanização. Essa situação repercute na vida pessoal, nas relações sociais e limitando enormemente o tempo com a família e de lazer.

Em contraposição os autores apontam:

É importante para o desenvolvimento dessa análise, considerar que assim como o trabalho impacta, influencia e/ou determina mudanças sobre outras esferas, que não somente a sua, os espaços e tempos extra-laborais também podem interferir na relação com o trabalho e seus alcances sobre os outros domínios da vida social (BIANCHETTI e MACHADO, 2009, p. 95).

Paralelamente, alguns estudos buscam compreender as dinâmicas do bem-estar⁵ docente e o que fazem os professores, ou podem fazer, para amenizar os efeitos dos fatores causadores de desconforto e estresse. Mosquera⁶, pesquisador da PUC/RS, apresenta estudos no cenário brasileiro e em seu grupo de pesquisa vem se dedicando ao estudo do mal-estar docente na relação com o bem-estar.

Apoiadas nos estudos de Furlan e Hargreaves (2000) percebemos a Formação Continuada como um espaço adequado para a reflexão sobre os aspectos causadores de mal-estar no espaço de trabalho, paralelamente à identificação de indicadores de bem-estar. Em primeiro lugar, porque pode gerar um sentimento positivo em relação ao trabalho, pois os aspectos positivos, incorporados no dia-a-dia, deixam de ser valorizados. Em segundo lugar, porque a identificação dos aspectos positivos permite maior investimento ao se observar o potencial de enfrentamento dos fatores negativos.

Paralelamente ao que é mobilizador de angústias, acreditamos nos ganhos ao provocar o estabelecimento de metas, de mudanças possíveis para aquele contexto e para as condições pessoais e profissionais de cada um. Essa abordagem favorece a compreensão de que todos são responsáveis por esse coletivo e suas ações. Durante o percurso formativo estimulou-se o

⁵ Nesse projeto compreende-se como bem-estar no ambiente de trabalho, o estado de saúde física e mental em que os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, interrelacionados, geram a sensação de prazer e de inserção no contexto. No entanto, não consideramos esse estado como estável e sem conflitos e dificuldades inerentes ao convívio social. Acreditamos sim na condição de enfrentamento de forma saudável e produtiva.

⁶<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/3562/2787>

diálogo, a troca de percepções, visando colaborar para o desenvolvimento profissional. O protagonismo dos sujeitos, a inserção no processo de análise do entorno e de sua participação no contexto onde estão inseridos pode favorecer o comprometimento, quando mais não seja no sentido de diminuir o sentimento de impotência e as queixas de que é impossível mudar, as quais são produtoras de estagnação (MOSQUERA E STOBÄUS, 1996).

Diante disso, tornam-se relevantes algumas questões, tais como: o que vem causando mal-estar nos professores participantes desse estudo? Que atitudes podem tomar para mudar as situações que causam sentimentos negativos no ambiente de trabalho e em decorrência da profissão docente? Quais fatores são mencionados como causadores de bem-estar? Como potencializar as situações positivas a fim de que contribuam para evitar o adoecimento e o desencanto com a profissão?

Com base nessas questões, propusemos um processo de reflexão acerca das percepções sobre o ambiente de trabalho e a profissão.

A Abordagem Metodológica: a reflexão no coletivo

Nessa investigação optou-se uma abordagem qualitativa de pesquisa (BOGDAN e BIKLEN, 2000; MINAYO, 1994) por lidarmos com dimensões que não podem ser quantificadas, trabalhando com o universo de aspirações valores e crenças dos indivíduos. Dentro da pesquisa qualitativa fizemos a escolha pelo estudo exploratório-descritivo (GIL, 2008) devido a possibilidade de favorecer o conhecimento sobre

o grupo em seu contexto, levantando opiniões, atitudes e crenças, permitindo também o estabelecimento de relação entre variáveis. Além de favorecer o processo de desenvolvimento profissional docente, esse tipo de pesquisa propicia o conhecimento sobre a instituição e a constituição de um banco de dados que pode contribuir para a oferta de ações de formação continuada potencializadoras dos aspectos de bem estar citados pelos docentes.

Esse estudo realizou-se ao longo de três encontros de uma hora e meia cada, através de sensibilização e vivências de grupo, com a intenção de proporcionar um afastamento da rotina e a reflexão sobre o tema no âmbito profissional e pessoal. Por mobilizar sentimentos muitas vezes difíceis de lidar pareceu-nos produtivo realizar o levantamento de dados através de dinâmicas de grupos focais (BARBOUR, 2009). Foram apresentadas ao grupo atividades desencadeadoras do pensamento acerca da questão, buscando trazer à tona a relação entre seu estar no mundo em seus diversos papéis. A abordagem está fundamentada em estudos sobre a Pedagogia da comunicação (PORTO, 2000; PENTEADO, 2002; PINTO, 2002), e tem por objetivo superar a análise alicerçada somente na racionalidade cognitivo instrumental, estimulando um processo subjetivo em que os sentimentos venham à tona⁷.

A análise de conteúdo (BARDIN, 1977) foi a opção para a análise dos dados. A partir do material obtido após a apreciação dos(as)

⁷ Foram realizados três encontros com cinco professores (as) e uma bolsista participante do grupo. Neste texto apresentamos a análise do material decorrente das manifestações dos professores ao longo de dois encontros.

professores(as) buscamos unidades de sentido, as quais foram analisadas à luz do referencial teórico. A seguir analisamos os achados da pesquisa que se agruparam nas seguintes categorias: *A intensificação do trabalho docente: a morte do desejo?*; *Tensionamentos do trabalho docente: dois lados de uma mesma moeda*; *Potencializando o bem-estar: o prazer no trabalho*.

A Intensificação do Trabalho Docente: a morte do desejo?

No primeiro encontro com os professores, estimulamos a reflexão sobre o momento de vida de cada participante através da percepção sobre os sete principais papéis por eles desempenhados, sendo que, se necessário, poderiam acrescentar mais alguns. As três mulheres o fizeram, evidenciando aí uma questão de gênero. Segundo Campos (2005) os papéis e a forma como os exercemos são definidos nas relações que estabelecemos com os outros.

Embora mencionassem a intenção de que o tempo dedicado primasse pela qualidade, nossos respondentes expressaram o sentimento de estarem dedicando pouca atenção aos filhos (as), maridos e esposas, pais e amigos (as), com a sensação de que gostariam de ser mais presentes e usufruir dos benefícios trazidos pelo convívio com seus afetos, tanto pelo outro como para seu usufruto.

A assunção pelos sujeitos contemporâneos de vários papéis concomitantes é uma realidade ligada a um processo histórico e cultural que estamos vivendo na atualidade. Essa exacerbação

ocasiona a sensação de estarmos sempre devedores, pois, não raras vezes, sobram tarefas a cumprir. As pessoas parecem estar cada vez mais ocupadas e com muitas prioridades para corresponderem em sua vida pessoal e ocupacional, ocasionando os sentimentos de impotência, de culpa, de angústia e de frustração, pelo fato de não corresponderem às suas próprias expectativas e às de outros (BAUMANN, 2009).

Em relação a intensificação gerada pelo do trabalho no âmbito da Pós graduação, a citação de Bianchetti e Machado (2009, p.106) exemplifica os contornos que vem se delineando:

É nesse quadro que novas formas e instrumentos de trabalho invadem as casas dos professores, trabalhadores das 24 horas do dia, e criam uma moral cibernética na qual os relacionamentos tornam-se quase unilaterais e os diálogos transformam-se em monólogos ou, não raras vezes, são substituídos pelas rápidas chamadas no celular do outro, seja ele ou ela, pai, mãe ou filho, marido ou mulher, colega de quarto, apenas um conhecido com o qual se dividem as responsabilidades de manter uma casa, ou melhor, um lugar para habitar.

Embora esses professores nesse período ainda não fizessem parte da Pós-graduação *Stricto Sensu*, a intenção de constituir a área da educação dentro do instituto decorrente de um desejo coletivo, pode ser um fator a impulsionar os professores a cumprirem as exigências desse âmbito.

Analisando suas manifestações, parece estar sobrando pouco tempo para a convivência com grupos que não sejam os de trabalho. A convivência despreziosa com amigos ou mesmo com colegas, fora do ambiente de trabalho, é apontada por Codo (2006) como alternativa para manter a saúde emocional, funcionando como suporte social. Os benefícios do suporte social dependem da estrutura pessoal

e das variadas experiências de cada um, sendo também decorrentes da percepção de cada pessoa sobre o que lhe sucede (CAMPOS, 2005).

A saturação de tarefas é mencionada como um fator de mal-estar na profissão docente, e nesse grupo, embora com dedicação exclusiva à instituição, esse aspecto se repetiu, mostrando ser desencadeadora de sentimentos de desmotivação no trabalho, mesmo quando realizam o que gostam de fazer. No caso desse grupo elas se referem a: grande número de horas-aula, orientação dos alunos da pós-graduação fora da carga horária, estudo, pesquisa, leituras, planejamento de aulas bastante diferenciadas, correção de instrumentos avaliativos, exigências burocráticas (preenchimento diário do sistema de registros de faltas e notas), participação em conselhos de classe, reuniões nos diferentes espaços de atuação, escrita de artigos para publicação em eventos e participação nos mesmos, escrita de artigos para revistas e livros, atuação em bancas de defesa de trabalhos acadêmicos, encaminhamento de projetos para órgãos de financiamento, etc.

Algumas tarefas de cunho burocrático impostas pela instituição foram mencionadas, tais como⁸: *o excesso de atividades-deveres, causando a morte do desejo, a burocracia institucional, a política institucional que prioriza a quantidade em detrimento da qualidade.*

Em relação às atividades exigidas pela profissão, todos comentaram sobre a vontade de realizar com maior satisfação as atividades acadêmicas do tipo leituras, escrita de artigos para publicação, participação em eventos, que

vêm se desenvolvendo de forma atribulada e pouco prazerosa, devido ao acúmulo com outras atividades profissionais. Essa manifestação reitera os estudos de Bianchetti e Machado (2009) com professores da Pós-graduação em que os respondentes mencionaram que anteriormente à instituição das políticas produtivistas no âmbito da pós-graduação, as atividades concernentes a esse âmbito eram realizadas com maior prazer e autonomia.

A oferta regular de Pós-graduação *Lato Sensu* nesse instituto é recente, sendo que a primeira iniciou suas atividades no ano de 2007. Em uma instituição que até então oferecia o Ensino de Técnico de Nível Médio, o Ensino de Nível Médio e a Graduação, ainda hoje, há a compreensão de que a tarefa do professor é dar aulas, tendo as demais atividades uma valorização restrita. Como esse grupo atua em mais de um nível de ensino, sendo a Pós-graduação *Lato Sensu* um deles, acumula inúmeras tarefas, além das relativas a esse nível de ensino.

Em seus estudos, Esteve (1999), Perez Gomez (2001), Stobäus, Mosquera e Santos (2007) e Codo (2006) citam a saturação de tarefas como uma das grandes queixas dos professores. Embora, historicamente, essa realidade seja velha conhecida dos educadores, na atualidade, ela pode ser associada às exigências da própria instituição e ao sistema adotado por órgãos aos quais os professores participantes desse estudo estão vinculados:

⁸ As falas dos professores, quando citadas literalmente, serão apresentadas em itálico.

CAPES e CNPq⁹, que determinam as regras para estar inserido no meio acadêmico.

No período do levantamento de dados, os professores participantes desse estudo estavam atuando na Pós-graduação *Lato Sensu*, e nas áreas para as quais prestaram concurso na instituição. Porém, por terem concluído recentemente o mestrado ou doutorado na área da Educação e por haver o desejo dos professores dessa área de oferta de Mestrado Institucional, a necessidade de produção e de cumprimento dos parâmetros CAPES estava implícita. Analisando o trabalho docente a Pós-graduação, Bianchetti e Machado (2009) destacam o quanto a pressão por produtividade parece afetar o prazer, podendo ser relacionada a “morte do desejo” citada pelos nossos interlocutores, pois as produções deixam de ser realizadas com o tempo e a profundidade necessárias para atingir a qualidade desejada.

Alicerçando-nos nos estudos de Correia e Matos (2001) sobre as políticas de avaliação do trabalho docente, o exercício do controle sobre o trabalho do professor é mais eficaz na medida em que este assume como inevitável a sua submissão aos parâmetros CAPES, sobretudo quando há o desejo compartilhado de ingressar na Pós-graduação *Stricto Sensu*.

Ao analisarmos o grupo para planejarmos as estratégias a serem utilizadas, havíamos percebido o excesso de atividades como uma queixa recorrente. Considerando a indissociabilidade entre vida pessoal e profissional, ao refletir sobre o excesso de tarefas na Formação Continuada na perspectiva

interativa-reflexiva por nós adotada (DEMAILLY, 1992), além da identificação do que está causando a sobrecarga, apostamos na importância de perceberem se é possível mudar algo em sua vida. Trata-se de pensar sobre as prioridades e fazer escolhas, pois a adequação ao viável não ocorrerá a partir da instituição ou dos órgãos de avaliação do trabalho docente e dos programas de pós-graduação. A reflexão sobre a vida profissional/pessoal não necessariamente leva à maior dedicação de tempo ao trabalho. Por outro lado, menor tempo pode significar maior qualidade, se o equilíbrio entre esses papéis trazer maior tranquilidade e bem-estar.

Segundo nossos interlocutores essa atividade os incitou a avaliarem como estavam vivendo, o ritmo e a qualidade que estavam imprimindo à sua existência. Alguns professores verbalizaram o sentimento de estar deixando de lado aspectos de sua vida pessoal, seja como pais, filhos ou mesmo cônjuges, em decorrência do trabalho e das exigências do meio acadêmico. Com a parada para pensar, disseram perceber que poderiam fazer diferente, resgatando situações possíveis na vida pessoal e na profissional, nesse ou em outros grupos de trabalho dos quais fazem parte, identificando comportamentos produtivos ou não.

Tensionamentos do Trabalho Docente: dois lados de uma mesma moeda

Nesse quesito, a relação com os colegas professores é um fator de grande importância e aparece como um aspecto extremamente desmotivador ou motivador. Conforme aponta (CAMPOS, 2005) as relações no ambiente de

⁹ CAPES - Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

trabalho funcionam como suporte¹⁰ social, ao oferecer sentimentos de proteção, que repercutem na redução do estresse e do mal-estar psicológico, ou podem ser fator estressor, causando frustração e insatisfação pessoais e grupais.

Dificuldades nas relações, relações de poder rígidas, uso do poder para se instituir, reuniões complicadas, críticas não construtivas são fatores de mal-estar citados pelos professores. A dimensão intrapessoal está sempre presente nos processos de grupo. A relação *eu-eu* é decisiva na interação com os outros. Segundo Cordioli (1998) “um grupo coeso e bem constituído exerce função de ser continente das angústias e necessidades de cada um ou de todos”. Quando o profissional não encontra acolhimento no seu grupo de pares, mas sim desunião e competitividade destrutiva, rodeadas de muitas queixas, o grupo é causador de mal-estar. Algumas pessoas adoecem por estarem também identificadas com a doença do grupo do qual fazem parte (OSÓRIO, 2003), pois o grupo não é a simples soma de indivíduos e comportamentos individuais: ele assume uma configuração própria, que influi nos sentimentos de cada um.

O repertório reacional da pessoa, sua motivação e ideologia influem na apreensão e interpretação de cada situação interpessoal e grupal. O equilíbrio interior, a harmonia consigo mesmo, a auto-aceitação e valorização, a sensação de bem-estar físico e mental, “o estar de

bem consigo” proporcionam segurança, abordagem positiva construtiva e equilibrada nos contatos com os outros e com o mundo (MOSCOVICI, 1999).

Analisando as falas dos professores, nessa instituição identifica-se uma parcela de competição não só pelo desejo de galgar cargos superiores, ou aumentar o salário, mas também por adquirir e/ou manter o poder. As lutas por poder na escola, segundo Resende (1995) e Codo (2006) ocorrem não só entre a direção ou pessoas que ocupam cargos de comando e seus subordinados, mas também entre grupos que buscam ocupar espaços e/ou se instituir por razões diversas.

A liberdade de decisão, as relações democráticas e a gestão democrática, muitas vezes, esbarram em uma lógica que as contraria na prática, conforme evidencia essa última fala em que o professor se mostra incomodado com *tomadas de decisão sem consultar os outros participantes do processo*. Posição corroborada por outros professores desse grupo, parecendo nem sempre existir uma escuta apropriada aos desejos, interesses e necessidades dos professores.

A gestão democrática nas escolas públicas é uma das bandeiras da LDB 9394/96, tendo como ponto alto a elaboração do projeto político pedagógico, a eleição dos diretores e a participação ativa da comunidade escolar nas tomadas de decisão. Esse modo de gestão, no entanto, aponta Codo (2006), não acontece por decreto, sobretudo em um país como o nosso, em que até poucos anos vivíamos sob a égide da ditadura. Igualmente, não podemos considerar exercício da gestão democrática quando são

¹⁰ O suporte social, segundo Campos (2005) é o apoio, real ou imaginário, de pessoas que constituem nossa rede de relacionamentos e nos auxiliam a reorganizar as próprias idéias e/ou a desligar dos problemas cotidianos. Desligamento que auxilia no enfrentamento desses mesmos problemas.

efetuadas consultas pontuais aos sujeitos escolares, pois se trata de uma construção cotidiana marcada por avanços e recuos, implicando na institucionalização dessa prática.

A verbalização da percepção de desvalorização de algumas áreas em relação a outras mostra uma realidade que se revela evidente quando refletimos sobre a identidade da instituição. Tendo sua origem na Educação Profissional Técnica de Nível Médio e passado a ofertar, cursos superiores e pós-graduação, percebe-se pouca clareza no que se refere a identidade dessa instituição, repercutindo nas relações de poder que se estabelecem em seu interior. Teoricamente, todos os níveis de ensino deveriam ter igual relevância, porém, existe um sentimento de que na prática isso não ocorre, ocasionando a luta dos segmentos menos valorizados para se instituir e dos mais valorizados para manter seus privilégios.

No grupo em estudo, pela especificidade de serem professores de Cursos de Pós-graduação *Lato Sensu* em um instituto Federal de Educação Tecnológica, acrescentamos aos fatores mencionados por Esteve (1999) e Bianchetti e Machado (2009) como causadores de intensificação do trabalho docente, as dificuldades de compreensão dos colegas e da direção sobre as diferenças do trabalho na Pós-graduação em relação aos demais em uma instituição que até pouco tempo não possuía esse nível de ensino.

Embora se observe um importante movimento de alguns colegas em cargo de chefia com apoio da direção para o reconhecimento das especificidades do trabalho na Pós-graduação, muitas situações esbarram na questão numérica

da divisão de horas-aula entre os professores das coordenadorias.

Com a oferta da primeira edição do Curso de Mestrado, em 2012, essa situação passa a incorporar outros elementos para a análise desse contexto. Dentre os quais podemos destacar: a área da Educação passa a ter outra valorização. Um dos critérios de avaliação da CAPES refere-se ao limite máximo da carga de trabalho dos professores que atuam no Mestrado. Essas questões devem repercutir na representação que a área da Educação passa a ocupar nesse espaço.

As relações podem ser, por outro lado, causadoras de bem-estar, motivadoras, quando é possível perceber nos colegas de trabalho a intenção de contribuição e de colaboração, e não de competitividade. Aí são apontados *a amizade e o compromisso; o bom relacionamento; o reconhecimento de alguns colegas; a crítica construtiva.*

O fato é que as pessoas querem ser reconhecidas, aponta Codo (2006), querem ver seu esforço valorizado. A retribuição para o trabalho realizado tem uma dimensão subjetiva expressa através de reconhecimento, status, e uma dimensão objetiva expressa através de dinheiro, currículo. Ambas são fundamentais para o trabalhador, inclusive do ponto de vista emocional, atingindo a autoestima, o sentimento de realização e de satisfação profissional.

Poder contar com suporte social adequado no trabalho está associado com maior satisfação, melhores possibilidades de lidar com conflitos e com situações estressantes, melhores possibilidades de ajustamento e melhora das condições de saúde física e mental, em resumo, melhores condições pessoais e mais qualidade no trabalho (CODO, 2006, p.274).

A manifestação dos respondentes sobre a *perspectiva de mudança de alguns aspectos do contexto* evidencia a crença na possibilidade de melhoria e pode ser vista como uma aposta na instituição mediante uma eleição que se aproximava naquele período. Talvez podendo ser também associada a expectativa de oferta da Pós-graduação *Stricto Sensu*, Mestrado, que já havia sido submetido à CAPES naquele período. A concretização desse projeto trouxe novos tensionamentos, ganhos e também aumento de tarefas aos educadores da área da educação.

Potencializando o Bem-Estar: o prazer no trabalho

Os integrantes do grupo apresentaram recursos dos quais lançam mão para manterem-se motivados a preparar e desenvolver boas aulas, devido ao entendimento de que os estudantes merecem um trabalho de qualidade. Tal dado não surpreende, sobretudo porque se propuseram voluntariamente a participar desse processo formativo, evidenciando comprometimento com a qualidade do trabalho docente. O prazer encontrado no exercício de seu trabalho e a participação em grupos dentro da instituição e fora dela com os quais têm afinidades teóricas e relação de trabalho respeitosa e afetuosa foram citados como recursos, ou válvulas de escape pelos nossos respondentes.

Esses dados corroboram os estudos de Campos (2005), sobre os ganhos do trabalho colaborativo entre equipes de profissionais em que o suporte social designa formas de relacionamento interpessoal, grupal e comunitário que dão ao indivíduo um sentimento

de proteção e apoio, capaz de propiciar bem-estar psicológico e redução do estresse. A dimensão intrapessoal está sempre presente nos processos de grupo. O equilíbrio interior, a harmonia consigo mesmo, a auto-aceitação e valorização, a sensação de saúde, de bem-estar físico e mental, proporcionam segurança, abordagem positiva, construtiva, equilibrada nos contatos com os outros e com o mundo (MOSCOVICI, 1999).

Conforme apontam Campos (2005) e Osório (2003), como indivíduo, o professor está incluído em um grupo de trabalho e conta com este para apoio e suporte adequado às suas necessidades pessoais, como o afeto, o alívio de tensões, a troca de experiências que contribuam para a qualidade dessas relações responsáveis pelo seu bem-estar. No caso desse estudo, a constituição de grupos de forma voluntária, para estudo ou pesquisa pode ser uma alternativa para esse suporte afetivo/profissional.

De acordo com Campos (2005, p.44), “os eventos estressantes aumentam a sensibilidade geral às doenças e os suportes sociais são capazes de moderar seus efeitos, as ações preventivas devem estar voltadas para o fortalecimento dos vínculos suportivos”, que funcionem como apoio no sentido terapêutico da obtenção da saúde e da busca constante do processo de autoconhecimento.

Além dessas, existem outras situações citadas pelo bem-estar: *o prazer advindo do exercício da profissão; gostar do que faz (coletivo); a satisfação ao perceber a aprendizagem; algumas leituras; o prazer de estar com os alunos; o convívio com os orientandos; a alegria dos orientandos (mencionado por quatro professores,*

característica daquela turma) e a condição de estabelecer boas relações com os estudantes. É a retribuição subjetiva para o trabalho realizado, mencionada anteriormente por Campos (2005), a partir das expectativas desses professores em relação ao seu trabalho.

As possibilidades da Educação geradora de mudanças e de fazer diferente/diferença; citadas como pontos positivos, mostram uma visão macro da educação e a expectativa de desenvolver um processo educativo alternativo ao paradigma tradicional de ensino, adequado as demandas atuais e efetivamente contribuir para a vida dos estudantes.

A liberdade para organizar as atividades realizadas com os alunos em sala de aula foi citada como fator de bem-estar, fundamental para o grupo, talvez devido à Formação Continuada recente e à vontade de por em prática essas aprendizagens. A autonomia docente é abordada por Perez Gomez (2001), mostrando que a liberdade existente ao fechar a porta da sala de aula é extremamente valorizada pelos professores de modo geral, tanto ao permitir o exercício de atividades inovadoras como na manutenção de práticas conservadoras, sem a crítica e a intervenção dos que pensam diferente.

Ainda como aspectos positivos, mencionam *a sensação de relevância social (papel social do Educador) e o salário*, melhor do que em outros locais. Embora se saiba que um rendimento salarial satisfatório não necessariamente seja determinante no que diz respeito ao comprometimento do profissional, possibilita melhor qualidade de vida e condições de investir na qualificação profissional, como é o caso deste grupo.

No tocante às situações que eles gostariam de ver acontecer, novamente aparece o destaque para a importância das pessoas e das relações, do vínculo e do afeto; do respeito, da solidariedade e da visão do ser humano como um todo; evidenciando a posição de que deveria haver maior investimento pessoal e institucional nesse sentido.

A parada para pensar, para trocar com os colegas e refletir sobre o entorno proporcionada por esses três encontros foi apontada por alguns como uma dessas válvulas de escape e vista com bons olhos, embora haja dificuldade de encontrar tempo comum a todos para esse tipo de atividade de formação. Um dos professores mencionou ter outra expectativa em relação ao trabalho desenvolvido. Os estudos sobre a Formação Continuada de professores têm mostrado os ganhos com o percurso formativo coletivo, capaz de favorecer a aproximação entre os colegas e auxiliar na sustentação do grupo, sobretudo quando ocorre de maneira voluntária como no caso em estudo.

Algumas Reflexões Geradas pelo Estudo

O objetivo desse trabalho não foi mostrar que, se o professor quiser, poderá superar os aspectos negativos causadores de mal-estar no trabalho, pois muitos fogem da sua alçada. Apostamos sim, na relevância de compreender os sentimentos de cada grupo em específico e atuar a partir disso, considerando as condições do contexto e o momento histórico.

Entendíamos que compartilhando alguns sentimentos negativos poderiam ter maior facilidade no enfrentamento dessas questões.

Assim como, acreditávamos que ao perceberem os aspectos positivos poderiam se utilizar deles para um maior suporte diante das dificuldades. O vínculo que se estreita nesse tipo de atividade também nos pareceu algo a se investir como suporte emocional às demandas pessoais.

Ao percebermos o binômio bem/mal-estar presentes no grupo com o qual trabalhamos, identificamos esforços contínuos na busca pelo autoconhecimento e entendimento de suas angústias com o objetivo de lidar com as situações de maneira saudável. Aparecem em alguns deles características em comum, tais como: a paixão pela profissão; a vontade de aprender; o comprometimento com a profissão, com a aprendizagem dos alunos; a motivação para romper com o Paradigma centrado na transmissão do conhecimento em busca de alternativas que favoreçam a aprendizagem.

Mesmo sem apostar nas soluções individuais para o tema em questão, nota-se que os professores participantes deste estudo exercem seu trabalho com determinado grau de alegria, satisfação e comprometimento e, apesar das frustrações que permeiam a profissão, mostram uma postura otimista diante dos desafios. Isso não lhes garante imunidade aos fatores estressantes do meio, e próprios da profissão, mas, mesmo com a existência deles, há um diferencial que contribui para o chamado estado de bem-estar.

Uma das professoras, quando cita o seu descontentamento com as críticas que não são construtivas, menciona a importância da resiliência, mostrando, provavelmente, que os desafios existentes na instituição e causadores de mal-estar agem nela, também, como estímulo

para superação. Essa mesma educadora, nos pontos positivos, também já havia citado a *resiliência, o sofrimento como produtor de transformação*, mencionando a interdependência das pessoas que convivem no mesmo ambiente e com o mesmo fim, a educação nesse caso.

O termo resiliência, segundo Zimmerman e Arunkumar (1994), refere-se a um processo que interrompe uma trajetória de risco para transtornos de comportamento ou psicopatologias, resultando em respostas positivas mesmo na presença de adversidade. Nesse caso, aponta para a visão da professora sobre a aprendizagem e o crescimento possíveis mesmo em situações difíceis.

Tal posição é compactuada por outra professora que, ao citar Mario Quintana como referência, diz: “o que fica quando tudo passa (dificuldades), sempre são coisas boas”. Essa manifestação nos remete ao “entre” citado no título do artigo. É nesse espaço de possibilidade que apostamos para intervir, construir, modificar.

Referências

- AMIGUINHO, A.; CANÁRIO, R. **Escolas e mudança**: o papel dos centros de formação. Lisboa, Portugal: Educa, 1994.
- BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Porto Alegre: ARTMED, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROSO, J. **A formação dos professores e a mudança organizacional das escolas**. In: FERREIRA, N. S. C. Formação Continuada e Gestão da Educação. São Paulo: Cortez, 2003.
- BAUMANN, Z. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

- BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. **Trabalho docente no Stricto Sensu: publicar ou morrer.** In: FIDALGO, F., OLIVEIRA, M. A. e FIDALGO, N. **A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade.** Campinas/São Paulo: Papyrus, 2009.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação.** Portugal: Porto Editora, 1994.
- CAMPOS, E. P. **Quem Cuida do Cuidador?.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- CODO, W. **Educação, Carinho e Trabalho.** Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- CONTRERAS, José. **A autonomia de professores.** São Paulo: Cortez, 2002.
- CORDIOLI, A. V. **Psicoterapias Abordagens atuais.** Porto Alegre: Artmed, 1998.
- CORREIA, J. A.; MATOS, M. **Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores.** Porto: ASA Editores, 2001.
- CUNHA, M. I. da; FERNANDES, C. M. **Formação Continuada de professores universitários: uma experiência na perspectiva da produção do conhecimento.** Educação Brasileira, Brasília, n.36, p.189-213, jan./jun. 1994.
- CUNHA, M. I. da. **O professor universitário na transição dos paradigmas.** Araraquara/SP: JM Editora, 1998.
- DEMAYLLI, L. **Modelos de formação contínua e estratégias de mudança.** In: NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação.** 3ed. Lisboa, Portugal: Nova enciclopédia, 1992.
- ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- FORSTER, M. M. S. et alii. **Alguns caminhos para compreender o processo de construção da inovação.** In: **Pedagogia Universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais.** Araraquara, SP: Junqueira e Marin Editores, 2006.
- FURLAN, M.; HARGREAVES, A. **A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MARCELO GARCIA, C. **Formação de professores para uma mudança educativa.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOSCOVICI, F. **Equipes dão Certo: A Multiplicação do Talento Humano.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- MOSQUERA, J.; STOBÄUS, C. **O mal-estar na docência: causas e consequências.** Educação, Porto Alegre, n. 31, 1996.
- NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação.** 3ed. Lisboa, Portugal: Nova enciclopédia, 1992.
- NÓVOA, A. **Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa.** In: FAZENDA, Ivani C. A. **A pesquisa em educação e a transformação do conhecimento.** Campinas: Papyrus, 1995.
- OSÓRIO, Luis Carlos. **Psicologia Grupal.** São Paulo: Artmed, 2003.
- PENTEADO, H. D. **Comunicação escolar: uma metodologia de ensino.** São Paulo: Salesiana, 2002.
- PÉREZ GOMEZ, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal.** Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- PINTO, C. L. L. **A Pedagogia da Comunicação: as repercussões da formação contínua nas práticas docentes.** 2002. Pelotas/RS. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/RS, 2002.
- PINTO, C. L. L. **Um trem chamado desejo : a Formação Continuada como apoio à inovação, à autonomia e ao trabalho coletivo de professores do Ensino Médio.** 2008. São Leopoldo/RS. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo/RS, 2008.

PINTO, C. L. L. **O trabalho colaborativo/comunicacional na Formação Continuada de professores:** para muito além do mar... tecendo relações no cotidiano da escola. In: DAMIANI, M. PORTO, T.M. e SCHLEMMER, E. Trabalho colaborativo em educação: uma possibilidade para ensinar e aprender. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2009.

PORTO, T. M. E. **Escola Pública e Pedagogia da Comunicação: uma parceria com professores em serviço.** Relatório CNPq, Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas/Faculdade de Educação, 2000.

RESENDE, L. M. G. de. **Relações de poder no cotidiano escolar.** Campinas: Papirus, 1995.
STOBÄUS, C.; MOSQUERA, J.; SANTOS, B. **Grupo de pesquisa mal-estar e bem-estar na docência.** Educação, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. especial, p. 259-272, out. 2007.

ZIMMERMAN, M.; ARUNKUMAR, R. **Resiliency research: implications for schools and policy.** Social Policy Report, n. 8, p. 1-18, 1994.

Artigo submetido em maio de 2012

Aceito em maio de 2013